

Heloisa Prieto

ILUSTRAÇÕES

Laurabeatriz

Conto
Fênix
do livro:

O Livro
dos
M Pássaros
Mágicos



FTD

Copyright © Heloisa Prieto, 2011

Todos os direitos reservados à EDITORA FTD S.A.

Matriz: Rua Rui Barbosa, 156 – Bela Vista – São Paulo – SP

CEP 01326-010 Tel. (0-XX-11) 3598-6000

Caixa Postal 65149 – CEP da Caixa Postal 01390-970

Internet: www.ftd.com.br

E-mail: projetos@ftd.com.br



<i>Diretora editorial</i>	Ceciliany Alves
<i>Editora assistente</i>	Myriam Chinalli
<i>Assistente de produção</i>	Lília Pires
<i>Assistentes editoriais</i>	Ândria Cristina de Oliveira Tássia Regiane Silvestre de Oliveira
<i>Preparadora</i>	Débora Andrade
<i>Revisora</i>	Elvira Rocha
<i>Coordenador de produção editorial</i>	Caio Leandro Rios
<i>Editora de arte</i>	Andréia Crema
<i>Projeto gráfico e capa</i>	Thereza Almeida
<i>Diagramador</i>	Luis Vassallo
<i>Gerente de pré-impressão</i>	Reginaldo Soares Damasceno

Heloisa Prieto é escritora, paulistana e autora de cerca de 50 títulos para jovens e crianças.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Prieto, Heloisa

O livro dos pássaros mágicos / Heloisa Prieto;
ilustrações Laurabeatriz. – 1. ed. – São Paulo :
FTD, 2011.

ISBN 978-85-322-7593-6

1. Contos – Literatura infantojuvenil
I. Laurabeatriz. II. Título.

10-12729

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura infantil 028.5
2. Contos : Literatura infantojuvenil 028.5

O Livro dos M Pássaros Mágicos

Heloisa Prieto



ILUSTRAÇÕES
Laurabeatriz

1ª edição

FTD

São Paulo – 2011

Fênix



há uma terra distante, abençoada pelos primeiros raios do amanhecer, onde se encontra o mais poderoso portal do céu eterno, que se aproxima do surgir do verão, ou do sol invernal, derramando a luz solar dos céus primaveris. Nela há uma planície que se estende sob céu aberto, e, mesmo sem colinas ou cavernas, essa região se localiza acima das montanhas mais elevadas. Ali fica o bosque do Sol, uma floresta densa de folhas eternas.

Quando o céu se incendeia com os fogos do carro de Fáenton, o filho do Sol, essa região fica protegida das chamas, erguendo-se acima das águas, nas quais Deucalião navegou quando o dilúvio cobriu o mundo com suas ondas. Nessa terra, não existem doenças ou mortes cruéis, desespero, temor ou crimes hediondos, loucura de paixão, ódio, a cobiça; a amargura da tristeza é ausente, assim como a miséria, o descuido, a fome violenta. Não há tempestades ou a força selvagem do vento nem geadas a lançar sua mortalha sobre a terra fria e úmida.

Sobre as planícies, não há nuvens nem chuvas. Mas no seu centro há uma fonte, a fonte da vida, como é chamada, de águas doces, cristalinas, fluindo gentilmente, que a cada estação cresce para banhar o bosque doze vezes. Aqui, as árvores geram frutos deliciosos que jamais caem por terra.

Nesse bosque, nessas árvores, habita um pássaro único, o inigualável Fênix, que vive renovado pela própria morte. Um ajudante excepcional de Febo, o deus Sol, o pássaro obedece e presta homenagem a Febo, este é o dever que a mãe natureza lhe atribuiu. Assim que a aurora dourada se torna avermelhada ao erguer-se, assim que ela tinge as estrelas com sua luz rosada, o Fênix mergulha o corpo gentilmente nas ondas, repetindo o gesto três vezes, e bebe da água da fonte da vida. Eleva-se até o topo da árvore mais alta, e, voltando-se na direção do nascer do Sol, aguarda o

MATERIAL PARA DIVULGAÇÃO DA EDITORA FTD
REPRODUÇÃO PROIBIDA





surgimento de um raio brilhante. E quando o Sol toca o limiar do portal reluzente e a luz lança sua luminosidade, o Fênix começa a emitir notas de um canto sagrado, invocando o novo dia por meio de uma melodia maravilhosa que nem sequer o rouxinol é capaz de produzir.

Depois de Febo ter soltado as rédeas de seus cavalos libertando-os no céu aberto para que percorram a órbita completa, o Fênix bate as asas três vezes, aplaudindo, e depois de saudar o príncipe do fogo, ele se apazigua. É também o Fênix quem marca a passagem das horas durante o dia e a noite, por meio de sons indescritíveis, sacerdotisa encantada do bosque e única confidente dos mistérios de Febo.

Quando completa mil anos de vida, e o tempo se torna um fardo, o Fênix foge do doce ninho do bosque, de modo a fechar esse ciclo e restaurar sua existência passada e, quando, na paixão pelo renascimento, ele deixa seus espaços sagrados, busca o mundo no qual reina a morte soberana. Apesar de seus muitos anos, ele voa diretamente para a Síria, para o lugar que ele mesmo chamou de Fenícia, e busca o deserto selvagem de bosques abandonados, onde as árvores sequestradas se escondem no meio de matas. Escolhe uma palmeira alta que carrega o mesmo nome que o seu. Nesse lugar, o Fênix não pode ser roubado, atingido por serpentes escorregadias ou por aves de rapina.

Então as brumas aprisionam os ventos em grutas arqueadas, impedindo que suas rajadas perturbem o ar reluzente, banindo os raios solares por todos os cantos vazios do céu para que não firam o pássaro. Em seguida, ele constrói para si um berço, ou sepulcro, pois o pássaro morre para viver e gera a si mesmo.

O Fênix renasce como as ervas perfumadas e suculentas. Ele colhe a canela e o bálsamo das folhas amassadas. Não falta tampouco um suave toque de cássia ou o perfume do acanto, as lágrimas de alibano. Em seguida, o Fênix acrescenta às folhas tenras de nardo a potência de sua mirra, a Panaceia.

Dentro do ninho que confeccionou, o Fênix entra e prepara o corpo para a mudança, coloca-se num leito que lhe dará a vida: com seu bico ele joga os perfumes nas penas e aguarda a morte em seu próprio funeral. Depois, confiante, destemido, o Fênix envia a alma e as várias



fragrâncias ao grande depósito. Enquanto isso, arde seu corpo, destruído pelo parto da morte e o próprio calor produz uma chama e se incendeia no ar etéreo; ele queima e depois se dissolve em cinzas.

São com essas cinzas que o Fênix, como se fosse uma massa concentrada, produz uma espécie de semente. Dessa forma, nasce uma criatura viva, primeiramente sem membros, como um verme de cor leitosa. Quando, subitamente, chega a hora marcada, ele cresce enormemente, formando um tipo de ovo, cuja casca se rompe e surge o Fênix, como uma lagarta que se transforma em borboleta. Seu alimento não tem similar nesse mundo, não há como lhe dar comida, a ave bebe gotas de Ambrósia do néctar celeste de uma chuva delicada vinda do céu estrelado. Este é seu sustento, além dos temperos perfumados que o fazem crescer.

Quando desabrocha, na flor de sua juventude, o Fênix passa a sentir desejo de regressar aos seus domínios ancestrais. E lá vai o pássaro, reunindo tudo o que resta de seu próprio corpo – ossos ou cinzas e a casca que lhe pertenceu – e conserva tudo isso em óleo balsâmico, mirra e alibano, formando uma bola com seu bico amoroso. O Fênix então leva essa bola até a Cidade do Sol e a pouso no altar do templo sagrado. Ma-



ravilhosa é sua aparência e o espetáculo que oferece aos olhos privilegiados: a visão de um pássaro de beleza inigualável e gloriosa.

Para começar, sua cor é como o matiz secreto do Sol ou as pétalas da papoula silvestre antes do amanhecer. Ombros e peito reluzem, assim como cabeça e costas, enquanto a cauda se abre exibindo um amarelo metálico, no meio do qual reluzem manchas tom de violeta. As penas das asas são marcadas por um brilho diferenciado, como se fossem as sete cores do arco-íris iluminando as nuvens. O bico é de um branco delicado com um toque de verde-esmeralda, uma joia reluzente ao se abrir. Você pensaria que vê um par de safiras ao fitar seus grandes olhos que emitem uma chama brilhante. No topo da cabeça há uma coroa de raios, gloriosa como a do deus Sol. Escamas cobrem suas pernas, que exibem um amarelo metálico, mas as unhas são de um tom rosa maravilhoso. O Fênix tem um quê de pavão, contudo ele não é lento como os pássaros maiores, mas ágil e veloz, com movimentos de uma graça real; assim ele se apresenta aos olhos humanos.

O Egito homenageou esse pássaro incomum por meio de esculturas de mármore, dedicando-lhe um evento e um dia. Cada tipo de animal se reúne durante a celebração: nenhuma ave pensa em caça ou temor. Acompanhada de um coro de criaturas aladas, o Fênix atravessa os ares, e o bando o protege, todos felizes no cumprimento de sua tarefa sagrada. Mas quando a companhia alcança as brisas de éter, ele regressa: o Fênix então se lança em sua verdadeira busca.

Ah, pássaro de bom destino, a quem Deus deu o nascimento de si mesmo! Fêmea ou macho, o pássaro será feliz, ele não terá a união do amor: para o Fênix, o amor é morte e seu único prazer é morrer: para conquistar seu nascimento, sua grande vontade é primeiramente morrer. Ele é filho de si mesmo, sua mãe e herdeira, sua própria ama, sua própria criança, tudo isso é o Fênix, embora ele não seja sempre igual; porque o pássaro é, ao mesmo tempo, a si mesmo e outro, conquistando vida eterna por meio da generosidade da morte.

História greco-romana.